



nestor lampros

portais - poesias





I

**Despreza as malhas que te aprisionam.
No socorro de um, ou mais na honra devida.
Branco de vida de opções em teu corpo,
- olha o céu - estrelou ainda há pouco a vida.
Refulge na santidade da semente.
Correndo como o gamo; luta como o urso.
O leão atravessará tuas cercas, não temas,
o rosto da fera está coberto de musgo.
Site a vida, ela está nas tuas mãos duras,
São geladas e prontas estão para a luta?
A batalha se fará em delírios e gritos,
ao ressoar dos tambores, sem rumores santos.**



II

Olhai e vede: há sentido?

Neste calor, vede, há batalhas.

Neste clamor? Vede o suplício

De uma guerra em nossa terra.

Depois vá aos homens e conclua:

O sino, a rosa, a flor, o pranto.

O sino da vitória soará como a glória.

A rosa como vermelha alqueire em leque.

A flor dormita um pouco, uma hora.

O pranto divisará um mesmo tanto breve.



III

**O joelho ferido pelas pedras
Não se cansa, anda e andará
Por entre as multidões. E dirá:
- Vão embora, vão embora...**



IV

**Acorde, acorde
Querido. Meus cabelos
E meus lábios te requerem.
E dizem, se me abro, que tu me amas;
Roubaram meu amado de mim.
Acorde, acorde - socorra-me,
Sou morena e sou frágil e pequena.
Quem poderá acordá-lo com esta canção?...**



V

Os exércitos.

Os exércitos.

Os exércitos.

Com faixas e touros,

Cantos de guerra e dor.

Olhos crestados e duros

Nas faixas em bandeiras multicolor.



VI

O campo em volta do muro
Cala-se. Tornamo-nos
Participantes da dor.
E esta do amor
Que em semanas
Se revoltou contra nós todos.



VII

**Bizarro tempo em que se vigia
no rio o mar; na terra o pássaro.
O fogo acode a terra
que corta nossas cabeças encolhidas em coleiras.
Monstro - vem surgindo no horizonte.
Vida e morte à batalha do unicórnio.
Testemunhas avançam para adiante.
Por trás rumores de paz em guerra.**



VIII

**Tolheram nossas mãos, nossos braços
Enfraqueceram as torrentes de vida no dia.
Subiram no templo no tempo exato,
Alegraram-se em refulgir no mau dia.**



IX

**Olho-te, amada, ainda
E vejo como andas tão triste.
Os exércitos sitiaram-se nos portais,
E nós tristes regamos as flores...**



X

**Há alguns sentados
outros mortos, e sem danos.
Que socorro virá de longe?
Que engano se limita a dizer verdades?
Quem ouve, quem ouviu?
Quem fala por quem falou?**



XI

A cidade derribada

Está caída.

Sozinha está? Não, acompanhada

De dez mil outras caídas.

Socorro do alto virá do abutre

Que, inundado, se fartará de cadáveres.



XII

**Amor,
Que será esta nuvem?
De que falamos mas ninguém nos escuta?
Porque os sorrisos dela não os esperamos,
Se é hora de morrer de tristeza e fome.**



XIII

**Olhei e vi o mar
Em chamas,
Transmudado em troços
Em naufragos e naus
Em nada, nada.
Mais do que ontem.**



XIV

**Os reis... rio - me...
Tão ricos em suas fazendas.
Quem resistirá à guerra?
São homens... são ecos e poeira.
Lúcifer, até ele se ri
De todos, todos serem
Cinzas transgressões,
Sob nossos pés.**



XV

**Cortaram os dedos
Das mãos, dos pés e sonhos.
Os sorrisos e vidas em partes,
Em parte de oração não concluídas.
De orações atendidas.
Fugiu toda a vida na rocha
Que ardeu
No fogo.**



XVI

**Amada
pomba e regato,
sonho e mel
te amo como sou amado.
Envolto em teus cabelos no teu véu
em teu seio, em tua leveza
em teu hálito, em tua voz.
Invoco-te amada, visito-te,
são horas...**



XVII

**Horas de dor
E de choro, não de amor
Envolto em fogo e lanças.
As vozes em retirada das crianças
E a morte breve
Bem-vinda.**



XVIII

**Torno a dizer: - Saiam
dos muros e das estradas.
Subam aos montes e escondam-se
nas águas paradas dentro de si.
Não olhem para trás.
Não se voltem às vidas
que nunca foram tuas.**



XIX

**Há ainda a calma
Na morte do homem.
Na visita do cão
Na boca que arde em vão
No olhar mudo, preso do silêncio das solidões.**



XX

**Estamos, meu amor
Presos um ao outro, presos.
Presos sem enganos
Mas sob a sorte que teremos.**



XXI

**Amada, presos
Sob o amor que não tememos;
Na vida que nos abraça
No hino de louvor
Que fizemos.**



XXII

Quem repetirá:

"Amor, voltemos para a terra"

Da terra nos seus corredores?

Amemo-nos mais

**Porque logo virá a noite e temos
por companhia a solidão.**



XXIII

**Lá fora, onde aponto,
Virá o sol. A chuva já choveu,
Não divisam nada mais
A não ser a nossa calma.**



XXIV

**E os homens? São mortos.
Só sobramos você e eu
Neste amanhecer demorado.**



XXV

**As uvas lá fora estão brilhando
Os figos estão maduros.
A guerra ainda resiste
Em todos que não se despedem.**



XXVI

**Somos nós, minha amada,
Nós que nos recusamos
Nos embebedar.
Fulmine a decisão em nós:
Com a dor da vida
Com a dor na morte.**



XXVII

Lá vem ela...

Lá vem ela...

Lá vem ela...

- vestida em flor

em campos em odor

recendido de orquídea.



XXVIII

Lá vem ele...

Lá vem ele...

Lá vem ele...

**Que não marcou
e nunca precisou
ser marcado.**



XXIX

**Nós viemos de longe
e vimos e vemos
e soubemos pois
sabíamos e achamos
ao procurarmos por nós
próprios.**



XXX

**Como quem vê a noite longe
E o dia fita o dia que se aproxima.**



XXXI

**Portais que se abram
Eternos,
Em ouro muito mais brilhante.
Sou amado nas pedras
Refulgindo no fogo
No fogo de guerras, sim,
Não no rio da paz.
Não no fogo da fome, mas
Da fartura igual a liberdade e
Libertação do fim da tarde
Que nunca havíamos
Compreendido. Sorrimos.**

- Aberta sim, amada minha.**
- Aberto, sim, meu senhor.**

Para que por fim pelos portais entremos.



montagem

<http://houdelier.com>